Globethics Repository



A escatologia da pessoa em Lutero [Luther’ s Eschatology of Person]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see https://www.globethics.net. Data and content policy of Globethics Repository see https://repository.globethics.net/pages/policy.

Item Type	Article
Authors	Portella, Rodrigo
Publisher	Núcleo de Estudos e Pesquisa do Protestantismo da Escola Superior de Teologia
Rights	Creative Commons Copyright (CC 2.5)
Download date	2026-11-12 08:14:32
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/235028

A escatologia da pessoa em Lutero: debate ignorado?

Luther's Eschatology of Person: Debate Ignored?

Por Rodrigo Portella
Doutor em Ciência da Religião (UFJF)
portella-rodrigo@ig.com.br

Resumo:
O presente artigo tem como objetivo apresentar o conceito de escatologia da pessoa e verificar como o reformador da Igreja Martim Lutero pensou tal conceito. O artigo busca mostrar que o jovem Lutero estava vinculado à tradicional concepção católica sobre morte/alma/ressurreição e reproduzia a doutrina católica sobre a temática, à exceção do tema do purgatório.

Palavras-chave:
Escatologia. Lutero. Alma. Doutrina.

Abstract:
This article aims to introduce the concept of eschatology of person and verify how the church reformer Martin Luther thought that notion. This article shows that the young Luther was linked to the traditional Catholic concept of death/soul/resurrection and reproduced the Catholic doctrine on the subject, except the theme of purgatory.

Kewwords:
Eschatology. Luther. Soul. Doctrine.

Introdução: a volta de um tema polêmico e ambíguo

O pensamento teológico latino-americano das últimas décadas, inclusive o de corte luterano, não teve muito interesse no debate sobre temas referentes ao "além", da escatologia da pessoa.[1] Isso, talvez, por dois fatores: por ser um tema de difícil verificação escriturística, ficando o assunto mais no campo da especulação metafísica; porque a teologia teve seu acento, nos últimos anos, em questões referentes à vida "antes da morte", mais especificamente em assuntos como política, economia, organização eclesial na base, lutas populares e participação social. Tal redirecionamento teológico, do céu à terra, tem suas razões. E, sem dúvida, na América Latina, a principal delas foi a realidade social, de pobreza, injustiças e exclusão, que fez a sensibilidade teológica ser conduzida à pesquisa e criação teológica que respondessem, aqui e agora, às perguntas relativas ao compromisso de Deus e da igreja com a vida do aquém.

Entretanto, hoje volta a ressurgir, principalmente na Igreja Católica, produção teológica a respeito da escatologia da pessoa. Vários livros são publicados, com novos olhares e interpretações quanto à escatologia, sem, contudo, tantas vezes, fugir do fio vermelho das doutrinas tradicionais essenciais. Porém, não só o catolicismo tem voltado aos compêndios e estudos sobre a escatologia da pessoa. Os protestantismos de corte mais fundamentalista e os movimentos religiosos ou filosóficos mediúnicos e esotéricos têm feito surgir muita literatura a respeito.

[1] A terminologia "escatologia da pessoa" será explicada adiante.

Será que estamos a ver, no bojo do que se convencionou chamar "a volta do sagrado",[2] um ressurgimento das especulações metafísicas a respeito do "além"? Está-se abandonando a terra, o secular, e fazendo voltar a teologia ao céu? Seja qual for a resposta, permanece o fato.

Porém, ainda é tímida, fragmentária e pouco sistematizada a reflexão da escatologia da pessoa em algumas igrejas protestantes históricas, mormente na igreja luterana, na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) como, aliás, sempre o foi. Por que tal timidez? Por que o princípio teológico do *sola scriptura* não dá bases para uma especulação escatológica que ultrapasse os limites de vagas ideias a respeito do como da ressurreição, céu, inferno e eternidade? Ou talvez seja devido ao conselho do próprio Lutero de que a teologia deve ser "prática", porquanto uma teologia especulativa é coisa do "diabo e do inferno"?[3] Pode ser. O fato é que há certo comedimento teológico da e na IECLB sobre o assunto. Como o ex-presidente da IECLB e da Federação Luterana Mundial (FLM) evidencia:

> No que se refere à seqüência dos acontecimentos escatológicos, a Bíblia não oferece roteiro seguro [...] Ela documenta, a seu modo, o desinteresse especulativo da fé.[4]

Contudo, isto não nos deve jogar na apatia ou no apofatismo quanto ao exercício, mesmo que provisório, de esclarecer o que se crê e imagina, pois, conforme o mesmo Brakemeier:

> Seria errôneo qualificar o discurso sobre a ressurreição dos mortos como especulação metafísica. Está em jogo, isto sim, uma determinada concepção de 'realidade'. A teologia sustenta que dela faz parte uma dimensão 'transcendente'.[5]

Assim, a igreja, conforme o acima dito, não pode fugir da tarefa de, aqui e ali, mesmo que de forma tímida, tecer as teias teológico-explicativas em que se sustenta sua concepção de mundo, de ser humano, etc. Até porque a mente humana, em questões de fé e religião, que tantas vezes são questões não empíricas, trabalha com imagens, mesmo que provisórias ou metafóricas. Então, conforme ainda Brakemeier: "a esperança cristã não permanece no abstrato. Usa imagens e símbolos para expressar a alegria, a satisfação da fome por vida, o fim das angústias, o ver face a face".[6]

Escatologia da pessoa: um termo novo para um antigo imaginário

O termo *escatologia da pessoa,* que restringe nossa abordagem, precisa ser elucidado, de antemão, para que se saiba do que estamos e estaremos falando adiante. Na verdade, o termo surge em um ambiente teológico católico romano, mas seus imaginários pertencem a todas as pessoas que pensam sobre seu futuro individual – ou de outrem – *logo após a morte*. Historiemos e localizemos tal terminologia. A terminologia teve seu surgimento recente no cenário teológico brasileiro – ao menos quanto à explicitação do termo – através do recente livro do teólogo sistemático católico Renold Blank, ao publicar uma brochura cujo título é justamente *Escatologia da Pessoa*, sendo o subtítulo *Vida, Morte e Ressurreição*.[7] Embora o termo possa parecer novo a muitos, a ideia que ele veicula é antiga, qual seja, o tradicional recorte em que a escatologia se restringe aos acontecimentos que sobreviriam ao indivíduo após sua morte, como ressurreição, imortalidade da alma, encontro com Deus, céu, inferno, purgatório e limbo. Enfim, os tradicionais novíssimos da

---

2 Caso se considere que o sagrado esteve, alguma vez, ausente do contexto sociorreligioso brasileiro, o que parece ser questionável.

3 EBELING, Gerhard. *O pensamento de Lutero*. São Leopoldo: Sinodal, 1988. p. 182.

4 BRAKEMEIER, Gottfried. *O ser humano em busca de identidade*: contribuições para uma antropologia teológica. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 2002. p. 188.

5 BRAKEMEIER, 2002, p. 187.

6 BRAKEMEIER, 2002, p. 178.

7 BLANK, Renold. *Escatologia da Pessoa*: vida, morte e ressurreição. São Paulo: Paulus, 2000. Este livro é uma reedição ampliada do livro *Nossa vida tem futuro*, publicado alguns anos antes pelas Edições Paulinas. Renold Blank, doutor em Teologia, atua como docente no Instituto Teológico de São Paulo (ITESP) e na Escola Dominicana de Teologia, ambos em São Paulo. Teólogo sistemático, escreveu diversos livros em que aborda temas da morte, escatologia e da esperança, sendo, provavelmente, o autor mais fecundo neste campo do saber teológico no Brasil.

teologia escatológica. Assim se exprime Blank em relação a este recorte escatológico

> Quando a vida do ser humano termina, ele entra numa situação chamada de 'na morte' [...] A expressão 'na morte' quer acentuar a distinção entre o processo do termo da vida [...] e aquilo que acontecerá quando aquele processo, no plano fenomenológico, chegou ao seu fim.[8]

Blank, portanto, refere-se àqueles acontecimentos que se seguiriam após a morte da pessoa, ou melhor, no interstício, na passagem da fronteira em que o ser humano efetivamente morre e em que, segundo o autor, se daria a transição da pessoa para uma nova dimensão. Blank compreende que a ressurreição se dá *na* morte e que, portanto, a nova vida e as novas realidades que aguardariam o ser humano em sua ressurreição se dariam logo após a morte, ou *na* morte. Assim,

> Algumas correntes da teologia moderna manifestam a tendência de potenciar exclusivamente o aspecto individual da salvação pessoal [escatologia da pessoa], fazendo coincidir a plenitude da consumação soteriológica com o instante da morte de cada indivíduo, que seria também o instante da ressurreição pessoal.[9]

Esta é a posição de alguns teólogos atuais quanto à escatologia, dentre os quais se destaca Blank. Conforme tais teólogos, a ressurreição e tudo o que ela acarreta é *na* morte, dada a lógica de definição de eternidade, em que o tempo cessaria e haveria um definitivo agora, um presente que abarcaria passado e futuro, pois fora do tempo cronológico, essencialmente diferente de nossa experiência humana de tempo.[10] Assim, não haveria uma ressurreição coletiva em um "fim dos tempos". Ao morrer, terminaria o tempo para a pessoa e seria o "fim do mundo" para ela. Portanto, ao entrar em uma perspectiva ou dimensão atemporal, verificar-se-ia que tudo estaria presente, o início e o fim, a criação e a consumação. Assim se responderia, de certa forma, a pergunta do recorte individual na escatologia, ou seja, a questão da possibilidade ou plausibilidade de se desprender uma escatologia individual (portanto um aspecto da escatologia) da escatologia como um todo, abordada de forma sistemática na reunião dos enunciados de seus diversos temas que se inter-relacionam. Conforme Zilles,

> A morte significa extrapolação para fora do tempo. [...] A morte é passagem para a eternidade, para seu hoje eterno. Por isso o problema do estado intermediário é um problema aparente nesta linha de pensamento teológico, pois, o 'fim dos tempos' está fora do tempo. Quem morre entra logo no dia do juízo, da ressurreição e da parusia. Situa-se a ressurreição na própria morte. O juízo universal coincide com o juízo particular. [...] Desta forma os 'éscata' universais e particulares se aproximam do homem aqui e agora, na morte.[11]

Tal concepção, frise-se também, tem a finalidade de aplacar o dualismo da tradicional concepção da alma existindo na eternidade, além ou céu, na espera da ressurreição do corpo no fim dos tempos. Assim, casa-se a ideia da continuidade da vida após a morte – tradicionalmente concebida de forma espiritualizada, como imortalidade da alma – com a ideia de que esta vida que continua já é a da ressurreição final. E, neste ínterim, é preciso que se diga que a ressurreição final não é vista como reavivamento de um cadáver, mas como transformação da pessoa, de sua identidade/pessoalidade, para uma dimensão última e plena. Seria isto a transformação de corpo mortal em corpo glorioso e espiritual de que fala o apóstolo Paulo (1Co 15. 42-44)? Corpo entendido como identidade/pessoalidade, aquilo que faz uma pessoa ser um ser/pessoa, único e distinto dos demais.

8 BLANK, 2000, p. 73.

9 TERRA, João Evangelista Martins. *Escatologia e ressurreição*. São Paulo: Loyola, 1979. p. 29.

10 SANTOS, Eduardo da Silva. *A ressurreição da carne*: estudo comparativo entre a posição de teologias contemporâneas e a posição tradicional da igreja sobre o momento da ressurreição da carne. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997. p. 27s.

11 ZILLES, Urbano. *Esperança para além da morte*. Porto Alegre: EST, 1980. p. 89s.

Seguindo tal tendência, podemos verificar que os teólogos costumam ter ciência e reconhecer com certa tranquilidade o tema escatológico da pessoa, isto é, a possibilidade de tal recorte. Assim, Luiz Carlos Susin faz as seguintes diferenciações no estudo da escatologia, apontando as várias dimensões que a escatologia aborda e suas relações com a teologia de um modo geral, quais sejam, a escatologia como horizonte da cristologia e vice versa; a escatologia como horizonte da pneumatologia e vice versa; como horizonte da ética, da criação, etc. E, entre os horizontes da escatologia, ele cita a "escatologia como horizonte da antropologia", na qual

> A morte é a questão antropológica que atravessa o homem entre desejo-de-viver e dever-morrer. O que 'sobra' do homem? A alma? As obras? A escatologia cristã tem algo a proclamar que pode confortar as expectativas do homem?[12]

E este recorte, como já dito, não é novo. Conforme Zilles, tradicionalmente distinguem-se duas escatologias: a individual ou da pessoa (morte, céu, inferno) e a escatologia universal (parusia, juízo final, novo céu e nova terra).[13] Assim, no *Dicionário de Teologia*, publicado pelas *Edições Loyola*, a escatologia também é dividida em "os eschata individuais", sendo eles morte, juízo particular, purgatório, céu e inferno, e os "eschata coletivos", sendo eles a segunda vinda de Cristo, ressurreição geral dos mortos, juízo final, fim do mundo e sua transformação.[14] Como se depreende, embora se separe, nos textos logo acima citados, os recortes escatológicos, tal recorte não é motivado por uma concepção de eternidade como ausência de tempo e pleno agora, mas preserva uma concepção linear cronológica do tempo, em que há sucessão de acontecimentos. Portanto, pode-se recortar o tema da escatologia individual tanto em uma perspectiva indivisível de corpo e alma – que ressuscitam juntos na morte – e de eternidade como tempo reunido ou ausência de tempo, como em uma perspectiva de sequência temporal/cronológica, que reforça a ideia de separação de corpo e alma no período intermediário entre uma escatologia da pessoa intermediária (atuante na alma viva após a morte) e uma escatologia final da pessoa (na reunião de corpo [ressuscitado] e alma).

Esboço da escatologia da pessoa em Lutero

Lutero e, posteriormente, os luteranos que sistematizaram a doutrina da igreja evangélica luterana tinham um entendimento tradicional (em termos de continuidade com o catolicismo de então) da questão da morte e da vida eterna. Os diferenciais são, por exemplo, as arestas aparadas de crenças como purgatório e da salvação por obras, alijadas e combatidas. Porém, pode-se afirmar que, conforme o catolicismo romano, Lutero, até certo ponto, cria e ensinava a imortalidade da alma.[15] Podemos confirmar tais assertivas ao pinçarmos pequenos fragmentos de seu *Um sermão sobre a preparação para a morte*, como veremos abaixo. Escrito em 1519, a pedido de Marcos Schart, conselheiro de Frederico, o sábio, o sermão foi reeditado várias vezes durante os anos subsequentes. Nele, Lutero aconselha o preparar-se para a morte, principalmente através da assiduidade aos sacramentos.

Lutero aconselha que, através do perdão às pessoas, o moribundo deve ir se desapegando do mundo, ou, como ele mesmo diz, "devemos fazer isso para que a alma não fique apegada a algum afazer na terra".[16] Aqui surge o conceito de alma como sinônimo de pessoa, ser humano. Esta alma, identificada com o ser/pessoa, desprender-se-ia do corpo na morte, sendo levada ao céu, denotando-se clara dicotomia entre corpo e alma, fazendo com que o segundo elemento sobreviva ao primeiro e seja identificado com a pessoa, pois

12 SUSIN, Luiz Carlos. *Assim na terra como no céu*: brevilóquio sobre escatologia e criação. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 27-30.

13 ZILLES, 1980, p. 9, 17.

14 FRIES, Heirich (Ed.). *Dicionário de Teologia*. São Paulo: Loyola, 1983. v. 2. p. 44-54.

15 SCHWARZ, Hans. Escatologia. In: BRAATEN, Carl; JENSON, Robert. *Dogmática Cristã*. São Leopoldo: Sinodal, 1995. v. 2. p. 567.

16 LUTERO, Martinho. Um sermão sobre a preparação para a morte. In: LUTERO, Martinho. *Obras selecionadas*. Porto Alegre: Concórdia; São Leopoldo: Sinodal, 1988. p. 386.

> Assim como Deus olha por ti, também o fazem todos os anjos, todos os santos, todas as criaturas, e se permanecerdes na fé, todos te sustentam em suas mãos. Quando tua alma se vai, eles estão presentes e a recebem; não podes sucumbir.[17]

Portanto, ao morrer, conforme o reformador, a "alma se vai". Ela sobrevive, como implícito está, à morte do corpo e é recebida por santos, anjos e criaturas. A vida humana não sucumbe com a morte. No contexto, poderíamos inferir que "todas as criaturas" são as almas dos falecidos? Não se sabe, mas talvez seja possível fazer, no contexto do texto, tal afirmação. O fato, entretanto, é que Lutero afirma que seres há no além-vida que recebem a alma do falecido. E, além dos anjos, esses seres são os santos, ou seja, pessoas que morreram e já estariam – em alma também? – do outro lado da fronteira da vida. E, tendo tal sermão sido reeditado nos anos subsequentes, tudo leva a crer que Lutero não teria abdicado de tal pensamento, embora pudesse ter vindo, mais tarde, a criticar ou rever o conceito de intercessão dos santos e mesmo o de santidade.

Lutero vai além, dizendo que não só Deus, mas também os anjos e santos (almas?) sustentam o moribundo, olham por ele na morte. Ou seja, Deus, seres celestes e, como parece, almas de santos acompanham a passagem da alma do moribundo para fora da vida terrena. Porém, há uma condição, o "permanecer na fé".

O pensamento de Lutero acima destacado se confirma logo após, quando diz que Deus

> Ordena a seus anjos, a todos os santos, a todas as criaturas, que, com ele, olhem por ti, cuidem de tua alma e a recebam. Ordena que deves pedir isso dele e estar certo de que serás atendido.[18]

Como se depreende, cabe aos anjos, santos e criaturas cuidar e receber a alma do moribundo no processo de falecimento. E, aqui, o termo "criaturas" parece se aclarar como sendo as almas dos falecidos, pois, caso contrário, como Deus poderia "ordenar [...] a todas as criaturas" que "recebam" a alma? Lutero poderia, outrossim, estar pensando em outros seres celestes. O fato, minimamente comprovado pela menção aos "santos", é que ele cria que almas de falecidos acompanhavam e recebiam as pessoas (almas) falecidas, por ocasião da morte. Lutero, inclusive, exorta a que se deve pedir tal acompanhamento.

A ida da alma para além da vida terrena é vista, de certa forma, por Lutero, como uma libertação. Para tanto, cita, no sermão, um hino que recomenda ao moribundo meditar, hino este que diz em uma de suas estrofes, citada por Lutero: "Agora pedimos ao Espírito Santo sobretudo fé verdadeira para quando partirmos deste lugar estrangeiro para o nosso lar".[19] Ora deduz-se que, se Lutero recomenda este hino, em forma de oração, para o moribundo, é porque ele minimamente devia concordar com tal cosmovisão. Então, poderíamos afirmar que Lutero acreditava que esta vida era, de certa forma, um exílio da verdadeira vida ou lar, alcançado, finalmente, quando a alma partia para Deus (ou céu?)?

Embora aparentemente contraditória a tal evidência, Lutero tinha uma concepção unitária do ser humano, superando o dualismo escolástico e concebendo o ser humano como um todo.[20] Tal concepção era motivada pela visão de Lutero sobre o pecado, ou seja, o pecado atingiria o ser humano como um todo, corpo e alma.[21] Isto, porém, não influía na visão de Lutero sobre o destino humano após a morte, em que se destaca, como vimos, certo dualismo em seu pensamento.

Como se depreende até aqui, Lutero, em sua visão da vida após a morte, aproximava-se da tradicional doutrina católica romana e, de certa forma, do platonismo. O texto do sermão é pós-Reforma (1519) e, embora muito recente em

17 LUTERO, 1988, p. 396.
18 LUTERO, 1988, p. 398.
19 LUTERO, 1988, p. 397.
20 A escolástica considerava que, pelo batismo, o pecado era apagado da alma, ficando ela apenas suscetível à conscupiscência, porquanto ainda ligada ao corpo, fonte de pecado. Assim, delineava-se, já em vida, um forte dualismo entre alma (ligada aos poderes superiores) e corpo (ligado a poderes inferiores).
21 HÄGGLUND, Bengt. *História da Teologia*. Porto Alegre: Concórdia, 1995. p. 195.

relação ao início da Reforma, foi, como já frisamos, reeditado em anos seguintes (tem-se notícia de suas reedições até, pelo menos, 1525), o que torna provável que Lutero não tenha se abstido de tal maneira de ver a morte, mesmo após a data do escrito original.

Porém, como Lutero descreve o processo de morrer? Para onde vai a alma após a morte? Assim diz o reformador:

> Quando nos despedimos de todos na terra, então devemos voltar-nos para Deus somente, pois é para lá que se dirige e é para lá que nos conduz o caminho da morte. [...] Ocorre neste caso o mesmo que acontece quando uma criança nasce, com perigo e temores, da pequena moradia do ventre de sua mãe para dentro deste vasto céu e desta vasta terra, isto é, vem a este mundo. Da mesma forma o ser humano sai desta vida pela porta estreita da morte. Embora o céu e o mundo em que vivemos agora sejam considerados grandes e vastos, tudo é muito mais apertado e menor em comparação com o céu que nos aguarda do que o ventre o materno é em comparação com este céu. É por isso que a morte dos queridos santos é chamada de novo nascimento [...] devemos livrar-nos do medo e saber que, depois, haverá muito espaço e alegria.[22]

A morte conduz, portanto, a alma para Deus. E em Deus "o céu [...] nos aguarda". E este céu, na companhia de Deus, é um lugar ou estado de ser em que haverá mais espaço e em que haverá alegria. Ou seja, a alma vai para o céu, para junto de Deus, e gozará da felicidade infinita. A comparação/imagem que Lutero faz do processo de morrer é significativa. O mundo atual é como um ventre materno e, por maior que seja, há um outro mundo fora deste mundo (ventre) que aguarda os humanos. E a morte é como um parto, em que há choro, esforço, sofrimento e, finalmente, alegria para quem nasce para o outro novo mundo. Assim, morte é *passagem*, em que o corpo que morre dá liberdade à alma que vai para Deus, o céu, o lugar espaçoso e alegre. Haveria, então, uma outra dimensão, na qual Deus, os anjos, os santos e as criaturas estão e recebem aqueles que passam pelo parto da morte.

Finalmente, queremos salientar, ainda, uma última questão, no sermão de Lutero, que fala para nossa pesquisa. O tipo de novo mundo para o qual a alma vai dependerá da predestinação. Assim,

> Não deves contemplar o inferno e a eternidade dos tormentos, juntamente com a predestinação, em ti mesmo, nem nela mesma, nem naqueles que foram condenados. Também não deves te preocupar com tantas pessoas em todo o mundo que não foram predestinadas [para a salvação].[23]

A primeira constatação é que Lutero cria na existência de um inferno, em que há tormentos eternos. Isto é, a pessoa em tal situação sofreria eternamente. Ou seja, se há aqueles que, conforme já vimos, "permanecendo na fé", "nascem" para Deus e para o céu, acompanhados das milícias celestes e dos habitantes do além, também há aqueles que sucumbirão no inferno, quer dizer, "nascerão", na morte, para os tormentos eternos. E, agora, o mais polêmico e bastante esquecido na teologia de Lutero: a predestinação. Os que vão ao inferno "foram condenados", ou mais explicitamente, "não foram predestinados" para a salvação. Porém, foram predestinados ao inferno. Assim, o destino da alma/pessoa, logo após a morte ou no juízo final, é decidido anteriormente por Deus em sua soberania e mistério. De certa forma, Deus é a fonte do mal e da condenação.[24] Lutero nunca sistematizou uma doutrina da predestinação, como Calvino. Tocou no tema assim, como neste sermão, de forma esporádica e sem muitas explicações. O caráter da predestinação corresponderia à justiça e, sim, ao amor de Deus em seu aspecto de *Deus absconditus*, oculto, para além de nosso entendimento ou de sua revelação.[25] Considerava que a ciência em entender tal assunto não era permitida à razão humana, nem à luz de sua natureza e nem à luz da fé ou da graça de Deus. A evidência de tal assunto só poderia ser descortinada

[22] LUTERO, 1988, p. 387.

[23] LUTERO, 1988, p. 391.

[24] HÄGGLUND, 1995, p. 198.

[25] LIENHARD, Marc. *Martim Lutero*: tempo, vida e mensagem. São Leopoldo: Sinodal, 1998. p. 286.

à luz da glória, ou seja, para além desta vida.[26] E limitava-se, assim, a remeter a questão da predestinação ao mistério de Deus.[27]

Entretanto, Lutero tranquilizava os seus. Morte, pecado e inferno não deveriam assustar quem se apegasse à vontade de Deus e cresse firmemente que Cristo venceu o inferno. Assim, nenhum mal poderia suceder a quem vivesse e morresse nesta fé.[28] Porém, Lutero adverte, ainda, que não cabe ao ser humano especular sobre sua predestinação. Deve apenas confiar em Cristo e em sua palavra. A especulação sobre a predestinação apenas levaria o ser humano a revoltar-se contra Deus e até a "desejar um outro Deus".[29]

Enfim, podemos concluir, a partir deste sermão, que Lutero tinha uma imagem tradicional, de vertente católica, quanto à vida após a morte. Uma alma que se desprende do corpo, vai ao além (céu e inferno) e se encontra com os seres que já estão no além. Veja que Lutero, no sermão, não fala sobre ressurreição, o que demonstra que, muito provavelmente, não estivesse se referindo, no sermão, aos acontecimentos do que se convencionou chamar de fim dos tempos, do juízo final e da ressurreição do corpo. Ao contrário, Lutero parece se referir a uma escatologia da pessoa, individual, que se dá logo após a morte ou na morte, em que a alma sobrevive ao corpo. Portanto, não se trata da ressurreição do corpo, mas da sobrevivência da alma por sobre a morte e de sua existência no além.

Considerações finais sobre a escatologia em Lutero

Lutero acreditava claramente em um inferno eterno, fosse ele um lugar ou um estado de ser da pessoa. Também cria em um céu, no qual gozavam da eternidade os bem-aventurados.[30] O que chama a atenção, porém, é que ele, apesar de esperar a ressurreição definitiva do corpo, ou do ser humano como um todo, para o fim dos tempos (fim da história), concebe que já agora, ou seja, no tempo presente, pessoas que morreram estão no inferno ou no céu, pois "quantos milhares estão no inferno [...] agora são torturados em eternidade!".[31] Ou seja, se a ressurreição final ainda não aconteceu – dado que o reformador usa o verbo *estar* no presente – deduz-se que as almas de pessoas estão no inferno mesmo antes da ressurreição final. Lutero, como se vê, tinha a noção teológica tradicional de que a alma, após a morte do indivíduo, destaca-se do corpo e imediatamente já goza do céu ou experimenta o inferno, mesmo antes da ressurreição final, ou do juízo universal.

É provável que Lutero não tenha entendido que a ressurreição final, na unidade de corpo e alma, já se dá na morte, como querem alguns teólogos atuais. Porém, entendeu, por certo, que a morte não elimina o ser humano, não o faz desaparecer, pois "[...] assim como a morte é o começo da vida. [...] Porque, morrendo, inicia a vida, de sorte que, por causa da vida que ele vê não poderá ver a morte".[32] Ao morrer, a pessoa não morre. É certo que seu corpo se decompõe, mas para a alma se inicia nova vida. E Lutero, quanto a isto, chega próximo a uma interpretação platônica da morte, pois entende que a morte é um bem, algo "amabilíssimo", "desejável às almas fiéis", pois de

26 HÄGGLUND, 1995, p. 198s.

27 Mais tarde, a ortodoxia luterana tendeu, em sua interpretação da predestinação, em amenizar o seco conceito de Lutero. Concebeu a predestinação como a ciência que Deus tem em ver/saber, por seu caráter eterno, isto é, de ver a história como um todo, quem será salvo e quem será condenado, ou melhor, quem crerá em Cristo e quem o rejeitará. Assim, Deus escolheria para a vida eterna aqueles que, de antemão, sabe que crerão em Cristo. Seria apenas a ratificação de um fato. E o mesmo sucederia com aqueles que, nesta lógica, se condenam e por Deus são condenados. O "decreto" da predestinação é eterno, antes do mundo vir a existir, mas se baseia naquilo que Deus, em sua pré-ciência, sabia que iria acontecer ao longo da história. Quanto ao mal, por sua vez, Deus não o criaria, mas o permitiria. (HÄGGLUND, 1995, p. 272s).

28 LUTERO, 1988, p. 393.

29 LUTERO, 1988, p. 389.

30 LUTERO, Martinho. Das boas obras. In: LUTERO, Martinho. *Obras Selecionadas*. Porto Alegre: Concórdia; São Leopoldo: Sinodal, 1989. v. 2. p. 115.

31 LUTERO, Martinho. Catorze Consolações. In: LUTERO, Martinho. *Obras Selecionadas*. v. 2. Porto Alegre: Concórdia; São Leopoldo: Concórdia/Sinodal, 1989. p. 23.

32 LUTERO, 1989, p. 30.

algum modo separa a alma do corpo, fonte de males e pecados.[33]

A situação da alma, no inferno ou no céu, embora definitiva, conhecerá, no fim dos tempos, uma nova forma de ser, pois a ressurreição final trará também os corpos mortos à vida, deduzindo-se, assim, um reajuntamento de corpos e almas para a unidade final, da qual a alma ainda carecia no céu ou inferno. Assim,

> Creio que virá uma ressurreição dos mortos, na qual, através do mesmo Espírito Santo, será ressuscitada toda carne, isto é, todas as pessoas em corpo ou carne, piedosas e más, de modo que aquela mesma carne que morrera, fora sepultada, se decompusera e se perdera de diversas formas, virá de novo e ficará viva.[34]

O reformador fala da ressurreição do corpo não como uma nova criação da pessoa, mas como a recuperação e vivificação, através do Espírito Santo, do mesmo corpo que havia morrido e se decomposto. E não fala de alma, mas só de corpo. Não por estar a alma subentendida na palavra corpo, qual sinônimo, mas porque, como vimos, a alma não morreu, vive, e aguarda o corpo na ressurreição final.

Resumindo, o jovem reformador Martim Lutero acreditava na vida após a morte, na sobrevivência da alma em relação ao corpo e de sua ida para o céu ou inferno, na ressurreição final, no fim dos tempos, no juízo universal, em um novo céu e nova terra. E até aí Lutero cria em tudo que criam os humanos de sua época, e a Igreja católica de seu tempo.

[Recebido em: novembro 2009 e
aceito em: março 2010]

33 LUTERO, 1989, p. 35.

34 LUTERO, Martinho. Breve Forma do Credo. In: LUTERO, Martinho. *Obras Selecionadas*. Porto Alegre: Concórdia; São Leopoldo: Sinodal, 1989. v. 2. p. 188.